

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES/CELA
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

YSLAINE CRISTINA ALVES ALMEIDA

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE TEXTOS CIENTÍFICOS
REFERENTES À PRODUÇÃO DE SINAIS CASEIROS**

RIO BRANCO

2024

YSLAINE CRISTINA ALVES ALMEIDA

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE TEXTOS CIENTÍFICOS
REFERENTES À PRODUÇÃO DE SINAIS CASEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de Souza

RIO BRANCO

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

A447d Almeida, Yslaine Cristina Alves, 2001 -
Descrição e análise bibliográfica de textos científicos
referentes à produção de sinais caseiros / Yslaine Cristina Alves
Almeida; orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de Souza. – 2024.
36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade
Federal do Acre, Centro de Educação Letras e Artes (CELA),
Curso de Licenciatura em Letras Libras. Rio Branco, 2024.
Inclui referências bibliográficas.

1. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). 2. Análise
bibliográfica. 3. Surdos. I. Souza, Shelton Lima de (orientador). II.
Título.

CDD: 419

YSLAINE CRISTINA ALVES ALMEIDA

**DESCRIÇÃO E ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE TEXTOS CIENTÍFICOS
REFERENTES À PRODUÇÃO DE SINAIS CASEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras-Libras, no Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Acre.

Rio Branco, 20 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Shelton Lima de Souza (Orientador)

Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva

RIO BRANCO

2024

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus que me deu força quando precisei, a minha família que sempre me apoiou principalmente a minha mãe Maria Alves que sempre foi meu porto seguro, meu braço direito a pessoa mais importante da minha vida que me apoia em todas as minhas decisões e meu irmão que me apoia entre outros familiares que também me ajudaram nessa caminhada.

Agradeço aos meus amigos Vitória Aline, Andrey Barroso, Érica Alves, Atailto Alves entre outros colegas que conheci ao longo do curso que me acompanharam ao longo do curso e proporcionaram grandes experiências.

Ao meu atual namorado Pedro Renato que foi um grande parceiro me apoiando e me ajudando em todas as dificuldades e crises e a sua família que me acolheu me apoiou e ajudou muito financeiramente e mentalmente.

Ao meu orientador Shelton Lima de Souza por todos os conselhos e ensinamentos ao longo da confecção deste trabalho e por toda a paciência para me guiar na área da linguística.

A professora Ivanete de Freitas Cerqueira por ter disponibilizado voluntariamente alguns dos textos utilizados para realizar esta pesquisa e a todos os professores que fizeram parte de toda a jornada de aprendizagem que tive ao longo do curso de letras libras

Você não é burro e nem incapaz,
somente não achou algo que realmente
faça você correr atrás.

(Autor Desconhecido)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as línguas de sinais caseiras, fazendo uma análise sobre os materiais bibliográficos produzidos sobre o assunto. A pesquisa foi feita para incentivar mais pesquisadores na área, ajudando a reunir referências, e outras informações relevantes para uma reflexão do tema. Ao compreender como a língua brasileira de sinais (Libras) foi estruturada no passado, podemos ver o surgimento dos sinais caseiros que podem ser relacionados como língua e os fatores culturais e biológicos necessários para a criação de sinais em contextos de usos mais restritos do que os contextos da Libras. Este texto analisa diferentes cenários em que sinais caseiros podem ser criados, variando de sinais criados por povos indígenas, até crianças cujos pais não podem/conseguem ensinar a Libras. Analisando diferentes trabalhos sobre o assunto, é possível observar um certo padrão entre os sinais criados por pessoas diferentes, ao se referir a objetos baseados na sua função ou a um determinado movimento que seria único ou icônico daquele objeto ou tarefa. Esta pesquisa faz uma análise de base bibliográfica e exploratória, consistindo em um levantamento bibliográfico sobre estudos dos pesquisadores Cerqueira e Teixeira (2016), Adriano (2010), Santos (2017) e Araújo e Oliveira (2021), que realizaram uma pesquisa sobre sinais caseiros utilizados em diferentes regiões do Brasil, fazendo assim com que o leitor chegue a uma conclusão imprecisa sobre as ideias apresentadas. Este trabalho também engloba conceitos como linguística, fases da aquisição da língua, sinais icônicos, e outros conceitos que permitem aos pesquisadores entenderem os sinais feitos por pessoas diferentes, criados de maneira individual, e em contextos sociais diferentes.

Palavras-chave: Sinais caseiros; Língua de sinais; Surdos; Linguística.

ABSTRACT

This essay has the objective of studying homemade sign languages, by making an analysis of the bibliographic materials made about the subject. The research was made to encourage teachers and scholars to be more interested in the subject by gathering references, concepts, and other relevant information regarding homemade signs. By understanding how the Brazilian Sign Language (libras) was made in the past, we can see how the homemade signs can affect the creation of the official language, and the necessary cultural and biological factors for its creation to be possible. This essay analyzes different scenarios in which homemade signs can be created, varying from those made by indigenous tribes, or even those made by children whose parents couldn't teach them proper libras. Analyzing homemade signs made individually, it's possible to see some patterns between those created by different people, by referring to objects based on their functions, or movement patterns made by certain objects or activities. This essay contains a bibliographic analysis of the studies of Cerqueira e Teixeira (2016), Adriano (2010), Santos (2017) and Araújo e Oliveira (2021), in which they research homemade signs in different areas of Brazil, which leads the reader to make conclusions about the subject that are not accurate. This essay also explains about linguistics, language acquisition phase, iconic signs, and other concepts that make possible for a researcher to study common points between signs made by different people, raised individually, and in different social context.

Keywords: Homemade signs; Sign language; Deaf; Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos escolhidos para análise.....	23
Quadro 2 – Línguas de Sinais do Brasil.....	25
Quadro 3 – Trabalhos sobre os sinais caseiros analisados.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS	Língua Brasileira de sinais
LSCas	Língua de sinais caseira
LS	Língua de sinais
SC	Sinais Caseiros

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	LINGUÍSTICA E SUAS DEFINIÇÕES.....	13
2.2	AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM PELA PESSOA SURDA.....	16
2.3	SINAIS CASEIROS E SUAS COMPARAÇÕES.....	18
3	METODOLOGIA.....	22
4	ANÁLISE DE DADOS	24
4.1	SINAIS CASEIROS, O INDIVÍDUO E SEUS CONCEITOS.....	24
4.2	ELEMENTOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS E SINAIS CASEIROS.....	26
4.3	OS TRABALHOS SOB ANÁLISE.....	28
5	CONCLUSÃO.....	33
	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia surgiu do meu interesse sobre a temática relacionada à aquisição da linguagem – mais particularmente o desenvolvimento das chamadas línguas de sinais caseiras (Cerqueira, 2022), tendo em vista a forma como ela acontece que é de forma natural. Outro ponto que me ajudou a escolher o tema foi a sociedade atual, pois na contemporaneidade, as culturas de vários países estão se entrelaçando e misturando com as migrações, conseqüentemente as línguas também se encontram e se misturam, não somente as línguas orais, como também as línguas sinalizadas. Tenho consciência da importância deste trabalho para a minha formação acadêmica e também para a formação de possíveis leitores deste texto.

Podemos perceber que a mistura sociocultural entre os povos promove o surgimento de novas línguas na sociedade. Dessas misturas linguísticas, surgem outras línguas como, por exemplo, as línguas de sinais caseiras, cujos estudos estão ganhando repercussão e, por isso, sendo reconhecidas. Embora essas línguas sempre tenham existido, elas não eram conhecidas como línguas, tidas, meramente, como gestos e não como língua (Cerqueira, 2022).

A Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, é uma língua que já apresenta uma quantidade considerável de estudos e possui uma série de variações (Quadros, 2004). Além da Libras, há outras línguas de sinais produzidas no Brasil, como as que são produzidas em contextos indígenas, por exemplo, Língua de Sinais Terena, Língua de Sinais Sateré-Waré, Língua de Sinais Urubu – Kaapor (Silva; Quadros, 2019). Assim como as diferentes línguas de sinais que há no Brasil, há produções de sinais que estão sendo estudadas para se observar o nível de sistematização. Posso citar como uma dessas produções de sinais, os sinais caseiros, que vêm sendo estudados por pesquisadoras e pesquisadores, tais como Cerqueira; Teixeira (2016), Santos (2017), Quadros (2004), Cerqueira (2022), entre outros. Algumas questões que essas/esses pesquisadoras/pesquisadores discutem é a possibilidade de se analisar a sistematicidade de uso dos sinais caseiros. E, nesse sentido, este trabalho também se pauta.

A expectativa para com a realização deste trabalho é para que os docentes da área de Libras possam usá-lo como uma das bases de investigação para ampliar seus conhecimentos sobre a estrutura linguística existente nos sinais caseiros e em como esses sinais podem ser trabalhados.

Durante as minhas aulas, alguns professores do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre (Ufac) discutiram alguns trabalhos relacionados ao estudo da produção de sinais caseiros, como os de Adriano (2010) e Cerqueira e Teixeira (2022). Após a observação desses estudos, tive interesse em assistir a vídeos sobre o uso de sinais caseiros que me chamaram a atenção, pois percebi que cada usuário produzia um sinal diferente para o mesmo objeto e alguns sinais parecidos com os sinais da Libras.

O início da minha motivação para discutir esse tema foi principalmente uma aula da disciplina de aquisição da linguagem ministrada pelo Prof. Lucas Vargas que nos explicou como ocorre a aquisição da linguagem pelo indivíduo e nos mostrou um vídeo de uma criança que fazia a utilização da Libras e dos sinais caseiros. No vídeo, a mãe relata que a criança quando era menor e não sabia Libras desenvolveu alguns sinais para se comunicar com os avôs, mas depois que cresceu e aprendeu Libras manteve a comunicação com os avôs de acordo com aqueles sinais que utilizava anteriormente, pois eram aqueles sinais que seus avôs conheciam e entendiam. Considerei essa questão muito interessante, além do fato de uma quantidade de pessoas fazer a utilização de sinais criados por pessoas surdas conseguirem se comunicar tranquilamente por isso quis me aprofundar nesse tema.

Eu compreendo que a pesquisa-base desta monografia contribuirá para a ampliação de meus conhecimentos a respeito dos sinais caseiros e para o conhecimento de outros pesquisadores também. E por isso este trabalho tem como tema a descrição e análise bibliográfica de textos científicos referentes à produção de sinais caseiros realizando assim uma: análise bibliográfica de textos científicos sobre a organização linguística de sinais caseiros produzidos no Brasil ao longo do tempo. Os trabalhos sob análise neste trabalho podem refletir um panorama de reflexões sobre sinais que, até então, não eram considerados produções linguísticas.

Assim, com este trabalho, discuto o resultado de pesquisas de textos de caráter científico sobre os sinais caseiros e, dessa forma, conseguir expor uma visão mais detalhada sobre o assunto. Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa que deu origem a este texto é fazer uma análise bibliográfica de trabalhos referentes à organização linguística de sinais caseiros produzidos em contexto brasileiro. Para conseguir alcançar esse objetivo, foram traçados alguns objetivos específicos:

A) Analisar os conceitos sobre sinais caseiros produzidos pelos trabalhos sob análise;

B) Expor alguns dos elementos linguísticos que compõem os sinais caseiros descritos nos trabalhos sob análise e a variedade urbana da Libras.

C) Produzir um panorama dos estudos sobre os sinais caseiros no Brasil, por meio de textos científicos disponíveis em sites de pesquisa acadêmica;

Nesse sentido, por meio desses objetivos geral e específicos, desenvolvi uma análise bibliográfica concernente ao tema em tela o que, a meu ver, pode subsidiar a produção de novas pesquisas e, sobretudo, auxiliar docentes e futuros docentes no ensino e na aprendizagem de variedades de línguas de sinais no Brasil. No segundo capítulo a seguir, discuto a abordagem teórica que subsidiou este trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, discuto sobre a linguística e suas definições e, em seguida, sobre os sinais caseiros. Nesse ínterim, serão apresentados os autores e as obras que foram consultados durante a pesquisa-base deste trabalho.

2.1 Linguística e suas definições

A Linguística, de acordo com Saussure (2006 [1916]), é uma área do conhecimento que foi desenvolvida e criada para os estudos da manifestação da linguagem humana. Esse autor também afirma que os tipos de linguagem estão relacionados às expressões linguísticas que são utilizadas pelas pessoas, conforme podemos ver no excerto abaixo em relação ao que se entende pela tarefa do linguista:

A tarefa da Linguística será: a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria (Saussure, 2006 [1916], p. 13).

Dessa forma, afirmo que a Linguística estuda a origem da comunicação humana por meio das línguas, analisando a história das línguas, desde a origem até o desenvolvimento dos sistemas linguísticos, descrevendo as leis que definem essas línguas. Nesse sentido, a Linguística se constitui em uma ciência que, dentre outros objetivos, analisa o funcionamento dos sistemas linguísticos que, a meu ver, é a base da comunicação humana.

Quadros e Karnopp (2004) também descrevem que a Linguística, no geral, é o estudo científico das línguas naturais e humanas, no caso as línguas nascem por meio dos seres humanos e são constituídas por signos. Quadros e Karnopp, para refletirem sobre as perspectivas linguísticas, a partir do olhar da Linguística, fazem uma retomada dos estudos linguísticos ocidentais na perspectiva clássica. Dessa forma, segundo essas autoras, Aristóteles postulava que as palavras eram finitamente determinadas pelos humanos, enquanto Platão propunha que a linguagem nascia com eles. Diante disso, surgiu o “Problema de Platão”, que tem a grande questão de como os humanos desde criança conseguem entender e reproduzir a complexidade das

línguas, em tão pouco tempo. Os pensamentos desses dois filósofos são utilizados como base para a maioria das pesquisas linguísticas:

A linguística busca desvendar os princípios independentes da lógica e da informação que determinam a linguagem humana. Tais princípios são o que há de comum nos seres humanos que possibilitam a realização das diferentes línguas. Portanto, nesse sentido, a teoria linguística extrapola as questões do uso (Quadros; Karnopp, 2004, p. 16).

Com isso, podemos notar que a linguística vai muito além da utilização da língua, mas também procura o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Os pesquisadores buscam respostas sobre a origem de ambas as áreas e isso pode influenciar outros campos da educação como a sociologia, o ensino de línguas, a informática, dentre outras áreas. A Linguística é baseada em regras e princípios, e segundo Quadros e Karnopp (2004), os linguistas ao longo dos anos perceberam que possivelmente todas as línguas utilizam estruturas bem parecidas e isso pode ajudar nos estudos sobre a natureza da linguagem humana.

Para que se possa entender preliminarmente sobre a estrutura e como se organizam as línguas, Quadros e Karnopp (2004) explicam que a Linguística possui várias áreas sendo elas a Fonética e a Fonologia, que é a ciência que estuda os sons de maneira isolada ou em conjuntos que integram um sistema. Outra área é a Morfologia, que tem como foco a estrutura das palavras, ou seja, a combinação dos elementos que formam diferentes categorias como número, gênero, tempo e pessoa. Sintaxe é outra área da Linguística, cujo estudo foca na estrutura das frases e nas partes que formam o discurso. Nesse sentido, há também a semântica que estuda o significado individual das palavras e o agrupamento delas em sentenças, além da área da Pragmática que tem como base o estudo do contexto de produção linguística.

Na perspectiva saussureana, a linguagem é todo tipo de forma que o ser humano usa para se comunicar, sendo a língua uma dessas formas que se configura como um conjunto organizado de elementos gramaticais que permitem que um determinado grupo de usuários consiga se comunicar.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Saussure, 1995, p. 17).

Nessa citação, observo que Saussure explica o que é língua e linguagem. Para ele, a língua é um meio de expressar a linguagem como se fosse uma espécie de canal utilizado pelos seres humanos para a produção linguística. Nesse sentido, a linguagem é algo que surge naturalmente, ou seja, é algo, que embora não fique claro na perspectiva saussureana, parece ser natural¹. Já a língua é algo que adquirimos enquanto crescemos e tem a sua representação nos meios psicossociais por meio da fala:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação[...] A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (Saussure 1995, p. 22).

Nesse aspecto, podemos perceber que a fala é algo individual de cada pessoa, ou seja, vai depender de qual língua o indivíduo vai ter contato para expor seu pensamento e qual o nível de fala a ser utilizado, podendo ser formal ou informal se baseando na combinação do ambiente e da situação em questão. No contexto geral, podemos dizer que um indivíduo mesmo que não use um sistema linguístico socialmente reconhecido, ainda pode ter um pensamento complexo e bem dividido, como Adriano cita:

No que se refere à ausência de uma língua, os estímulos a que são expostos os sentidos, por exemplo, podem desencadear processos mentais que se organizam sem que seja necessária a presença dos mecanismos linguísticos, como lembranças de momentos passados e imagens mentais. Estas ações se relacionam com o pensamento, mas não com a linguagem (no sentido estrito da língua) (Adriano, 2010, p. 26).

Com isso, segundo Adriano (2010), pode-se estabelecer que os pensamentos são se baseiam apenas por meios linguísticos, mas pelas estruturas de imagens e lembranças do indivíduo referente àquilo que ele conhece e já presenciou. Nesse sentido, pode-se notar que o processo cognitivo do indivíduo se mantém, mesmo ele não possuindo uma língua socialmente reconhecida, como a Libras, por exemplo, no

¹ Após a abordagem saussureana, outras abordagens linguísticas se centraram na análise da linguagem como um fenômeno natural, como a abordagem gerativa (Chomsky, 1972).

entanto, não podemos dizer que há uma falta da língua, porque os sinais caseiros embora não sejam reconhecidos como língua, são sistematicamente organizados.

2.2 Aquisição da linguagem pela pessoa surda

A aquisição da linguagem é do que um indivíduo que passa de pessoa não-falante ou não sinalizante para falante/sinalizantes de uma língua que será chamada de sua língua materna. A aquisição da linguagem funciona de uma maneira natural em que as crianças desenvolvem um sistema linguístico na tenra infância, em uma época que ainda não conseguem nem se alimentar sozinhos. Em relação a essa questão, Sacks afirma que:

Nascemos com nossos sentidos; eles são “naturais”. É possível desenvolvermos sozinhos, naturalmente, as habilidades motoras. Mas não podemos adquirir sozinhos uma língua: essa capacidade insere-se numa categoria única. Não se pode desenvolver uma língua sem alguma capacidade inata essencial, mas essa capacidade só é ativada por outra pessoa que já possui capacidade e competências linguísticas. Com outra pessoa que a linguagem é desenvolvida (Sacks, 2010, p. 59).

Por isso, também notamos que as crianças geralmente adquirem os traços linguísticos das comunidades em que nascem. Como exemplo, cito as crianças indígenas que, devido ao contato com as sociedades não indígenas, aprendem as línguas indígenas e o português. Por isso Grolla menciona:

Assim, a língua dos pais não determina que língua a criança falará; o que determina a língua da criança é a língua que é falada ou sinalizada ao seu redor. Assim, toda criança exposta ao inglês falará inglês, toda criança exposta à língua de sinais brasileira sinalizará a língua de sinais brasileira e assim por diante (Elaine; Grolla, 2006, p. 3).

A aquisição da linguagem pode ser dividida em fases de acordo com o crescimento da criança². Para Elaine e Grolla (2006), a criança com 5 meses de vida passa pela fase conhecida como pré-linguística em que começa a balbuciar. O balbucio também ocorre com crianças surdas, o que é um exemplo de que o balbucio é motivado por fatores internos da criança. Assim, após esse período do balbucio, a

² Importante destacar que a compreensão da aquisição da linguagem de uma criança por meio de fases está relacionada a perspectivas teóricas específicas.

criança surda, por exemplo, começa a sinalizar, sendo que em crianças ouvintes desenvolvem-se processos de produção de sons relacionados à sistematização da língua oral com a qual tem contato.

A partir de Grolla (2006), observo que ao longo do crescimento, a criança começa a compreender tudo o que se passa ao seu redor e a entender³ o significado das coisas, porém, um fator muito importante para seu desenvolvimento é a comunicação com outras pessoas. A criança ouvinte tem apoio das pessoas ao seu redor que vão lhe ouvir, ensinar e corrigir⁴, caso pronunciem algo inadequado, contudo, as crianças surdas encontram vários desafios. Um deles depende da família da qual fazem parte, por exemplo, quando a criança possui pais surdos, elas terão todo o apoio em seu aprendizado, pois seus pais têm o conhecimento da língua com a qual a criança tem contato. Contudo, se os pais foram ouvintes e não tiverem interesse por línguas de sinais, a criança terá de construir maneiras de se comunicar com seus familiares. A meu ver, é nesse caso que começam a ser desenvolvidas o que estou chamando de línguas de sinais caseiras, com base em Cerqueira (2022).

Quando uma família ouvinte tem de lidar com uma criança surda podem ocorrer várias dificuldades na família. No caso, muitas famílias não sabem como proceder diante da situação, procurando uma “cura” para a surdez por meio da medicina, da fonoaudiologia, de atitudes educacionais específicas etc. Algumas famílias promovem, inclusive, exclusão de parentes surdos por, muitas vezes, não saberem como proceder e não terem interesse em aprender línguas de sinais, no caso do Brasil, a Libras e suas variedades.

No caso de famílias que começam a tentar entender o que é a surdez, pais procuram produzir formas de comunicação com seus filhos que advém da própria forma como a criança surda desenvolve a forma de comunicação a ser usada, tendo em vista a natureza da linguagem⁵ ser algo própria dos humanos. Nesse sentido, as

³ O que carece, evidentemente, de conhecimento sociocultural. Grolla não discute a produção sociocultural agregada ao conhecimento sistemático a ser desenvolvido pelas crianças.

⁴ A correção feita por adultos a crianças em estágio de desenvolvimento da linguagem não é um indicador de que as crianças modificarão as suas características de fala por meio da interferência de adultos. Sobre essa questão, v. Chomsky (1972).

⁵ Existem atualmente debates importantes sobre esta questão. Nesse sentido, a afirmação realizada não desmerece os estudos contemporâneos sobre a linguagem não ser, meramente, um elemento dos humanos. Para tal debate, v. Krenak (2020).

crianças surdas, assim como as crianças ouvintes, têm capacidades de desenvolvimento linguístico que lhes permite, inclusive, direcionar as formas de comunicação que teceram com seus familiares. Ou seja, nenhuma criança nasce sem a capacidade de desenvolver um sistema linguístico o que me fornece, neste trabalho, subsídio para iniciar o estudo bibliográfico sobre línguas de sinais caseiras.

2.3 Sinais caseiros e suas comparações

Cerqueira e Teixeira (2016) afirmam que os sinais caseiros – reclassificados por línguas de sinais caseiras em Cerqueira (2022) – são um sistema de comunicação elaborado pelos surdos que não possuem contato com a língua de sinais oficial. Por não ter esse contato, a pessoa surda – por sua capacidade natural de desenvolver um sistema linguístico, conforme foi comentado na subseção anterior – tece produções linguísticas específicas, utilizadas nos ambientes de interação social no qual está imersa. Esses sistemas linguísticos, produzidos em ambientes familiares ou de interação social específicas de pessoas surdas que não tiveram contato com uma língua de sinais oficializada, ficaram conhecidos popularmente como sinais caseiros, que são sinais criados pelos surdos para se comunicar com seus familiares ou pessoas próximas. Esses sinais foram estudados ao longo dos anos por alguns linguistas como Tervoort, (1961), Goldin-Meadow e Mylander, (1998), Fusellier-Souza (2004) para determinar sua classificação e cada um nomeou de uma forma diferente também temos a pesquisa de (Teixeira; Cerqueira, 2016) que já a nomeou de Língua de Sinais Caseira. Segundo Cerqueira e Teixeira:

A gesticulação (ou gesto coverbal) diz respeito a movimentos espontâneos de braços e mãos produzidos por uma pessoa no momento em que fala. Esse tipo de gesto traz à tona significados que ampliam o sentido do que foi ou está sendo dito e, enquanto unidade gestual, pode ser subclassificado em icônico, metafórico, beats, dêitico e coesivo (Cerqueira; Teixeira, 2022, p. 330).

Os gestos normalmente são complementos às falas verbais, já os sinais caseiros são uma forma de que o indivíduo está tentando passar uma mensagem e estabelecer uma comunicação, ou seja, são socialmente inter-relacionados. Os sinais utilizados na Libras e os sinais caseiros têm relação com a linguagem, porque são desenvolvidos e compreendidos sem a necessidade de uma atuação verbal. Os

gestos coverbais são algo individual de cada usuário de uma língua oral, por exemplo, que utiliza gestos para acrescentar à fala. Já os sinais caseiros são lineares e a compreensão só é possível a partir de todo um contexto. Se o receptor da mensagem tiver conhecimento sobre o significado dos sinais que estão sendo utilizados, a comunicação ocorre.

As línguas de sinais – assim como as línguas oroauditivas – apresentam um grande nível de complexidade e estão imersas em diferentes contextos de interação social. Por conseguinte, os sinais caseiros normalmente começam a ser utilizados pelos surdos e seus familiares em busca de manterem uma comunicação. Esses sinais surgem quando os familiares e as pessoas surdas não possuem conhecimentos sobre a língua de sinais oficial, então eles utilizam sinais criados pelo surdo para se comunicar.

Os sinais que são criados nesse meio normalmente se baseiam no cotidiano da família usuária, sendo que os gestos (apontamentos etc.) também auxiliam o começo da comunicação, no sentido de que os sinais passam a se sobrepor aos gestos que passam a desenvolver níveis de sistematicidade. Pode ocorrer de que uma família utilize os sinais caseiros enquanto a pessoa surda é criança, mas quando ela cresce e conhece a língua de sinais oficial e começa a utilizá-la, ainda assim, mantém o uso dos sinais caseiros com a sua família e só utiliza a oficial nas comunidades surdas, conforme discute Adriano (2010):

Um aspecto importante a ser observado nos sinais caseiros em analogia a língua de sinais oficiais é em relação ao parâmetro da localização das línguas de sinais. Em ambas, o corpo se constitui como um componente formacional do sinal caseiro, isto é, os sinais icônicos que são ancorados, o corpo elege a parte do corpo que corresponde à sua participação no evento, ou seja, o mapeamento corporal da realização do sinal relaciona forma com significado (Adriano, 2010, p. 38).

Com isso, podemos entender que tanto a língua de sinais e os sinais caseiros utilizam a iconicidade de acordo com o ambiente. (Adriano 2010) Os surdos que antes utilizavam sinais caseiros, quando começam a utilizar a língua de sinais oficial percebem algumas semelhanças entre ambas, como o posicionamento corporal que liga o sinal remetendo-se à ação, por exemplo, o sinal SABER que é realizado na cabeça, e o sinal FALAR que é feito na boca. Com isso, as pessoas surdas percebem que alguns sinais caseiros acabam sendo o mesmo ou algo bem parecido com a língua de sinais oficial.

Um dos principais motivos pelos quais os sinais caseiros são mais icônicos do que arbitrários, é o fato dos sinais caseiros serem visuoespaciais que sempre leva a realizar a sinalização mostrando o formato ou movimento daquilo a ser representado. Outro ponto que contribui para a utilização da iconicidade, é a criança surda filha de pais ouvintes que cria os sinais de forma mais icônica para o melhor entendimento de seus pais, pois eles só conseguem compreender aquilo que está sendo produzido pela criança se for icônico. Sendo assim, tal qual há a aparência ou ação daquilo que for sinalizado, pois os pais, que não conhecem Libras, tentam visualizar a ação ou a imagem daquilo que está sendo dito. Cerqueira e Teixeira (2016) realizaram uma análise sobre as ideias de Saussure e Benveniste sobre iconicidade e arbitrariedade. Saussure afirma que a relação entre o significado e o significante – do signo linguístico – é arbitrária. Contudo para Benveniste há uma motivação sociodiscursiva na produção de signos. Cerqueira e Teixeira relatam que:

[...] O fato de a palavra **boi**, em português e em francês, possuir uma vogal com traço fonético-articulatório [+arredondado], poder ser associado à estrutura esférica do corpo desse animal, o que também ocorre com o vocábulo **gordo**, portador desse mesmo fonema vocálico tanto em português como em francês (**gros**) (Cerqueira; Teixeira, 2016, p. 4).

Este tipo de análise estuda o simbolismo sonoro em que é realizada a categorização do som das palavras. A citação acima poderia até comprovar a iconicidade nas línguas faladas, mas quando analisamos a versão feminina da palavra 'BOI', podemos perceber que o signo realmente é arbitrário (Cerqueira e Teixeira, 2016, p. 05) e isso acaba colaborando para que a língua tenha maior flexibilidade e produtividade. Um aspecto interessante sobre iconicidade é que:

Algumas vezes, o signo icônico não pode ser facilmente reconhecido, i.e., só nos damos conta da analogia com o real quando seu significado nos é revelado. Então, é preciso ter em mente que iconicidade não implica transparência e que talvez o signo esteja tão preso ao contexto que seja difícil a um interlocutor decifrar imediatamente o seu sentido (Cerqueira; Teixeira, 2016, p. 7).

Com isso, podemos perceber que a iconicidade não é algo simples que se baseia somente em imagem e referente, mas se relaciona às experiências de cada indivíduo, pois as pessoas têm versões diferentes e várias variações da mesma imagem ou do objeto pois suas identidades e culturas são particulares e isso colabora

para que possa ocorrer percepções distintas, gerando diferentes signos para um mesmo referente.

Para Cerqueira e Teixeira (2016), a construção de uma palavra ou sinal passa por vários processos, sendo eles a seleção de imagem, a esquematização e a codificação, baseando-se nos elementos estruturais das línguas, fazendo assim uma ligação sobre a imagem e o referente na iconicidade.

3 METODOLOGIA

A metodologia é a definição dos procedimentos de pesquisa, e de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a metodologia é a apresentação e a busca da validade do caminho escolhido para chegar ao fim da pesquisa ou estudo que está sendo realizado.

As pesquisas são divididas em diferentes aspectos, sendo primeiramente definida pela natureza, em seguida pelos objetivos, pela abordagem e pelos procedimentos. Quanto à classificação da pesquisa que deu origem a este trabalho, ela é exploratória. De acordo com Gil (2007), afirmo que a pesquisa exploratória é a que tem como foco principal proporcionar maior facilidade em compreender o problema, tentando assim propor soluções e reflexões para o desenvolvimento do trabalho. O planejamento de uma pesquisa exploratória cria várias vertentes que podem ser consideradas para estudos e análises. Com esses requisitos, propus uma pesquisa que se configurou como a análise da situação da estrutura linguística da línguas de sinais caseiras, baseando-se em produções acadêmicas.

Este trabalho advém de uma pesquisa qualitativa que trabalha “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32). De modo geral, construir uma pesquisa qualitativa é fazer parte de um grande grupo de estudos em que pesquisadores desenvolvem reflexões para algumas questões criadas em seu meio de estudo e essas reflexões só poderão ser adquiridas pelo meio da observação, comparação e análise dos pontos de vistas já apresentados. Uma das formas para se trabalhar com a pesquisa qualitativa seria a de base bibliográfica por ser um meio em que é realizado um trabalho detalhado sobre estudos que já foram realizados sobre o tema a ser discutido, como Gil (2002) cita:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao Investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (Gil, 2002, p. 45).

Portanto, este estudo é de cunho bibliográfico. A pesquisa bibliográfica tem um enfoque maior em que é realizada um estudo mais aprofundado do material escolhido que podem ser livros, revistas e artigos utilizados de maneira informativa ou

remissiva que levam o pesquisador a outras fontes. Como citado, a pesquisa bibliográfica pode facilitar os estudos do pesquisador, porém, também existem controvérsias que podem comprometer a qualidade da pesquisa caso as fontes secundárias (fontes publicadas por outros pesquisadores) que forem utilizadas tenham tido seus dados gerados e processados de maneira não conhecida, necessitando que o pesquisador tenha maior cuidado sobre os arquivos a serem utilizados.

Os textos utilizados nesta pesquisa foram retirados do google acadêmico em sites de revista e artigos publicados e periódico capes, os textos analisados são dissertações, teses, artigos etc. a escolha dos textos foi decidida referente ao seu conteúdo onde ambos tinham grandes semelhanças, mas algumas opiniões diferentes referente ao que são os sinais caseiros e também na procura dos textos percebi que ainda é uma área de pesquisa com poucos trabalhos publicados a maioria dos trabalhos que encontrei relatava sobre a língua de sinais indígenas que é bem detalhada e com grande cultura e história própria sendo necessária uma pesquisa somente sobre a mesma. Nesta pesquisa preferi fazer a escolha de textos que relatam a utilização dos SC em meios urbanos mais afastados e em meios rurais, quando analisei os textos escolhidos procurei os que possuem uma base teórica e referências bem parecida. Os textos escolhidos estarão no quadro a seguir.

Quadro 1 - Trabalhos escolhidos para análise

Títulos	Autor e ano	Tipo
A visologia dos sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em amargosa-Bahia: diferenças e semelhanças entre os sinais caseiros e sinais da libras	Santos (2017)	Monografia
Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos	Adriano (2010)	Dissertação
Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de cruzeiro do sul/ac	Cerqueira e Teixeira (2016)	Artigos
Línguas de sinais emergentes no brasil: o caso da língua de sinais macuxi	Araújo e Oliveira (2021)	Artigos

Fonte: Elaborada pelos autores

4 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção é a exposição da análise referente aos trabalhos identificados sobre línguas de sinais caseiras. Ao longo deste capítulo, tecemos considerações a partir dos resultados de pesquisa encontrados em sites de pesquisa destinados à divulgação de artigos e trabalhos acadêmicos.

4.1 Sinais caseiros, o indivíduo e seus conceitos

Os sinais caseiros são recentemente estudados, devido aos poucos exemplos de pesquisa com essa temática, bem como a baixa possibilidade de identificarmos pessoas surdas que usem predominantemente sinais caseiros. Pensando nisso, os conceitos atribuídos se centram principalmente no seio familiar, na iconicidade e nas diferentes formas de apontamentos com partes do corpo, principalmente com as mãos. As pessoas surdas naturalmente buscam alguém que esteja sob mesma condição; quando elas se deparam em uma determinada região em que não encontram alguém parecido com sua situação linguística, elas buscam maneiras de não se sentir inferior.

Os sinais caseiros receberam vários conceitos e foram submetidos a procedimentos de análise. Esses conceitos são oriundos de análises para tentar definir o que eles realmente são, pois como já foi relatado anteriormente, os sinais caseiros muitas vezes são relacionados a formas de mímica, devido às suas formas de composição que na maioria dos casos os usuários utilizam sinais icônicos. Baseando-se nisso, seguem-se as seguintes questões: os sinais caseiros são oriundos de línguas específicas? Mas, a final, o que é uma língua? Para Saussure:

Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade (Saussure *apud* Bally; Sechehaye, 1995, p. 22).

Com isso, proponho refletir que para ser considerada uma língua é necessário que mais de um indivíduo a entenda conseguindo assim fazer associação daquilo que está sendo produzido, além dos fatores envolvidos que vão delimitar espaços e usos.

Do ponto de vista estrutural, as línguas caseiras de sinais apresentam regras gramaticais, de acordo com Cerqueira e Teixeira (2016), sendo essas muito parecidas com a língua de sinais oficial no que se refere à modalidade visoespacial e, por isso, basicamente possuem estruturas gramaticais parecidas, como discutem Ferreira *et al.* (2011, p.13), em relação a termos específicos que envolvem línguas visoespaciais:

Gesto: movimento espontâneo, voluntário ou involuntário, do corpo, especialmente das mãos, braços e cabeça que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo. O gesto é igualmente uma forma de dar ênfase ao discurso na interação comunicativa dos interlocutores. [...]

Sinal: é o signo linguístico na língua de sinais, o qual contém uma unidade de informação convencionada por meio gestual pela comunidade surda e que serve para comunicar algo a alguém. Assim, o sinal se difere do gesto espontâneo pelo seu caráter de código compartilhado e estruturado em uma língua (p. 13).

Com essa afirmação, defendo que os sinais caseiros não são apenas gestos, pois, de acordo com Adriano (2010), os sinais caseiros se desenvolvem no meio familiar e começam a ser utilizados com as pessoas com as quais os surdos têm contato. Assim, à medida que os sinais caseiros vão sendo usados, surgem outros em relação aos contextos de produção. Abaixo, é possível visualizar no Quadro 1, alguns exemplos de línguas de sinais no Brasil:

Quadro 2 - Línguas de Sinais do Brasil

Classificação da língua de sinais e das comunidades surdas		Autor (ano)	Nome da Língua de sinais	Local
Língua de sinais Língua de sinais indígenas	Centros Urbanos	Ferreira-Brito (1984)	Libras	Território brasileiro.
		Kakamasu (1968) e Ferreira – Brito (1984)	Língua de Sinais Urubu – Kaapor	Indígenas Urubu – Kaapor (Maranhão – Brasil)
		Azevedo (2015)	Língua de sinais Sateré-Waré	Indígenas Sateré – Ware (Parintís – Manaus)
	Aldeias	Giroletti (2008)	Língua de Sinais Kaingang	Indígenas Kaingang (Xanxerê – Santa Catarina – Brasil)
		Vilhalva (2012) Sumaio (2014)	Língua de Sinais Terena	Indígenas Terena (Mato Grosso do Sul – Brasil)
		Coelho (2011) Vilhalva (2012) Lima (2013)	Língua de Sinais Guarani - Kaiowá	Indígenas Guarani-Kaowá (Mato Grosso do Sul – Brasil)
		Damasceno (2017)	Língua de Sinais Pataxó	Indígenas Pataxó (Aldeia Coroa Vermelha - Bahia)

Continua.

Quadro 2 - Línguas de Sinais do Brasil

				Continuação
Língua de sinais nativas entre pessoas não consideradas indígenas	Comunidades não urbanas	Pereira (2013)	Cena	Várzea Queimada (Jaicós-Piauí-Brasil)
		Cerqueira & Teixeira (2016)	Acenos	Cruzeiro do Sul (Acre-Brasil)
		Charlize, Formigosa & Cruz (2016)	Língua de Sinais da Fortalezinha (PA)	Pará – Brasil
		Martinod (2013) Formigosa (2015) Fusilier (2016)	Língua de Sinais de Ilha do Marajó	Ilha do Marajó (Ilha de Soure) /Pará – Brasil
		Carliez, Formigosa & Cruz (2016)	Língua de Sinais de Porto de Galinha (PE)	Porto de Galinhas (PE – Brasil)
		Temóteo (2008)	Língua de sinais de Caiçara	Sítio Caiçara -Várzea Alegre – Ceará – Brasil.

Fonte: Adaptado de Quadros e Silva (2019, p. 22118-22119)

No quadro 1, podemos identificar algumas línguas de sinais que foram criadas em algumas regiões ou comunidades, identificadas pelos pesquisadores como sendo produzidas e estabelecidas por meio de várias gerações de pessoas surdas.

4.2 Elementos linguísticos

Os elementos linguísticos da Libras foram estabelecidos ao longo dos anos e, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), do ponto de vista fonético-fonológico, os parâmetros da Libras são: configuração de mão, movimento, expressões faciais, locação e direção das mãos. Esses parâmetros são utilizados para criação de sinais, desenvolvendo e estabelecendo um padrão, um sistema fonético-fonológico de uso, tendo em vista que se houver modificação paramétrica, ocorre mudança de significado:

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato, em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros [...] (Almeida, 2013, p. 78).

Nos sinais caseiros, os elementos linguísticos são parecidos com a língua de sinais oficial e isso se deve ao fato de ambas as línguas serem visoespaciais. No

trabalho de Santos (2017), visualiza-se que tanto os sinais caseiros como os sinais oficiais usam da iconicidade para a formulação de sinais e isso se deve ao movimento do objeto ou até mesmo a seu formato e, por isso, para o conhecimento da língua, aprendem-se os parâmetros de configuração dos sinais.

Cerqueira e Teixeira (2016) dividiram a criação dos sinais caseiros em 3 categorias por meio de perspectivas: a perspectiva de quem vê o objeto (PQV), a perspectiva de quem age sobre o objeto (PQA) ou, ainda, de uma perspectiva híbrida (PH), que une os dois modos. Para as autoras, em sua grande maioria, os sinais são criados se baseando na perspectiva de quem age sobre o objeto, sendo o sinal basicamente formado de acordo com o movimento que o usuário realiza sobre aquele objeto em questão; isso varia, pois, cada pessoa tem uma forma de manusear os objetos. Esse tipo de variação também é encontrado nas línguas de sinais oficiais em que os sinais variam de região para região:

[..] regionalismo não é exclusividade da Língua Portuguesa, pois em Libras também há essas ocorrências, como no sinal de “Verde”, há duas formas de sinalizá-lo, e o uso das duas formas depende da região. E temos a variação social, em que as mudanças estão nos grupos sociais, na forma de sinalizarem, como por exemplo, o grupo dos idosos – os sinais deles, a forma de pensarem e sinalizar se difere do grupo dos adolescentes. Todos os usuários da mesma língua, porém, a forma com que executa os sinais, e a variedade é diferente [...] (Oliveira; Marques, 2014, p. 88).

Com isso percebemos que as línguas de sinais assim como as línguas orais também possuem variações linguísticas e isso vem de acordo com o ambiente onde o sujeito está inserido e também de acordo com a influência da história da região em que as pessoas estão inseridas. Outro aspecto importante que podemos notar é a escolha do local para realização do sinal como Adriano (2010) relata:

Um aspecto importante a ser observado nos SC em analogia às LS oficiais é em relação ao parâmetro da localização das línguas de sinais, em ambas o corpo se constitui como um componente formacional do sinal caseiro, isto é, os sinais icônicos que são ancorados no corpo elege a parte do corpo que corresponde à sua participação no evento, ou seja, o mapeamento corporal da realização do sinal relaciona forma com significado[...] (Adriano, 2010, p. 38).

É importante destacar que os sinais caseiros são mais restritos que a língua de sinais oficial, pois os usuários só costumam criar sinais baseando-se naquilo que utilizam no dia a dia por isso também a maioria dos sinais tem um nível de iconicidade

bem elevado, mas os sinais caseiros ainda possuem traços de arbitrariedade que podem ocorrer e serem perceptíveis somente ao longo dos anos.

4.3 Os trabalhos sob análise

De modo geral, observei os trabalhos científicos sobre os sinais caseiros encontrados em sites acadêmicos e constatei que existe uma escassez sobre o referido tema. Há poucos textos resultados de pesquisa sobre o tema em tela, sendo que os trabalhos identificados têm pontos de vistas e procedimentos semelhantes. Os trabalhos se centram na questão de os sinais caseiros se configurarem como língua ou como são construídos os traços de iconicidade. A seguir, repito a apresentação do Quadro referente aos textos que foram analisados:

Quadro 3 - Trabalhos sobre os sinais caseiros analisados

Artigos e trabalhos científicos	Autor e ano	Local	Urbanas ou Rurais
A visologia dos sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em amargosa-Bahia: diferenças e semelhanças entre os sinais caseiros e sinais da libras	Santos (2017)	Amargosa-Bahia	Urbana
Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos	Adriano (2010)	Sítios em Caucaia e Paraipaba- Ceará	Rurais
Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de cruzeiro do sul/ac	Cerqueira e Teixeira (2016)	Cruzeiro do sul- Acre	Rurais
Línguas de sinais emergentes no brasil: o caso da língua de sinais macuxi	Araújo e Oliveira (2021)	Vila no estado de Roraima	Rurais

Fonte: Elaborado pela autora

Todos os textos exibidos acima tratam sobre os sinais caseiros. Cada um apresenta resultados de pesquisa de alguma determinada região do Brasil, sendo o primeiro trabalho que tive acesso o de Cerqueira e Teixeira (2016) que faz um estudo sobre os sinais criados e utilizados por jovens na cidade de Cruzeiro do Sul – Acre e verificam sobre os traços de iconicidade que esses sinais possuem. Na análise, as autoras perceberam que os jovens, para criar o sinal, utilizam de perspectivas como foi citado no tópico 4.2 e a perspectiva mais utilizada para a criação dos sinais é a ação que o indivíduo exerce sobre o objeto. As autoras citam que:

Comparando os sinais produzidos, é possível perceber a subjetividade de cada sujeito, a qual consiste no modo como cada realidade é vista e pensada. Nenhum dos sinais produzidos é igual. Mesmo que um ou outro traço seja parecido, há sempre outro que mostra a percepção do referente sob outro ângulo, o que imprime certa diferença na realidade desenhada por cada sujeito (Cerqueira; Teixeira, 2016, p. 17).

Com isso, podemos perceber que o sinal criado por cada indivíduo se baseia na sua própria experiência ao manusear e utilizar o objeto em questão e como nem sempre as pessoas utilizam algo da mesma forma e, por isso, acabam ocorrendo essa variação de sinais e, mesmo esses sinais sendo diferentes, sempre ocorre de haver pelo menos um elemento lexical em comum. A iconicidade está presente na criação dos sinais que foram apresentados por Cerqueira; Teixeira, conforme as autoras explicam abaixo:

[...] no processo de iconização, a narração de um evento é mais recorrente que a descrição do objeto em si, isso pode significar que, no momento da construção de um sinal icônico, o sujeito talvez priorize mais a preservação da estrutura da imagem do que dos recursos linguísticos. Porém, não significa que a fonotática da língua não seja levada em consideração (Cerqueira; Teixeira, 2016, p. 24).

E se baseando no excerto de Cerqueira e Teixeira, é possível saber que a criação de um sinal tem relação com a iconicidade, mas ao longo do tempo ocorrem mudanças fazendo assim com que a imagem do sinal vá se adaptando à estrutura linguística e nisso percebemos que a criação do sinal não fica definida apenas no momento da criação e sim vai passando por etapas até chegar a uma sistematicidade.

Adriano (2010) também realiza uma pesquisa na área dos aspectos linguísticos da língua de sinais. Para tal, utiliza os sinais para análise de pessoas residentes nos municípios de Caucaia e Paraipaba, cidades localizadas no estado do Ceará. O texto de Adriano apresenta a língua de sinais e seus aspectos fonológicos e seus parâmetros, conforme o autor cita:

Os sinais se realizam a partir da combinação de seus elementos fonológicos (configuração de mão, orientação, movimentos etc.), sendo possível alterar sua significação por meio da substituição de um desses elementos, porém quando estes se encontram dispostos isoladamente não trazem em si nenhuma significação tal qual acontece com os constituintes das palavras em português (Adriano, 2010, p. 28-29).

Então, podemos entender que para um sinal fazer sentido, ele precisa da junção de seus elementos fonológicos tal qual uma língua oral, além da língua oficial também. O trabalho de Adriano (2010) faz uma comparação entre sinais caseiros e a Libras em que é possível perceber algumas familiaridades nos sinais, além de muitos traços de iconicidade. Nesse artigo, afirma-se que os sinais caseiros fazem a utilização das mesmas configurações de mão presentes na Libras e também ocorre de terem sinais parecidos que são até mesmo utilizados por ouvintes:

[...] o léxico construído por surdos adultos em situação de isolamento sofre a influência das culturas que os circundam, e que os sinais que tomam como motivação referentes estáveis são semelhantes na sinalização de um indivíduo e outro. Ainda que tais sinais sejam particularizados e restringidos em seu compartilhamento a um pequeno grupo de sua convivência, estes compreendem com relativa facilidade os enunciados elaborados, por viverem no mesmo contexto social e cultural (Adriano, 2010, p. 70).

A pesquisa de Santos (2017) tem como tema a visologia dos sinais caseiros utilizados por surdos da cidade de Amargosa/Bahia. Na análise apresentada, observo que o autor tinha como foco principal realizar uma comparação dos sinais caseiros com os sinais da Libras. Na dissertação, Santos faz referência a muitos trabalhos, sendo um deles o dos autores Albares e Benassi (2015) e se baseando neles afirma que:

Com conclusão, agregam que não se deve desprezar sinais caseiros visto que eles proporcionam o desenvolvimento linguístico do surdo e o reconhecimento da Libras com língua natural, comprovando em sua pesquisa a relação e semelhança entre os sinais caseiros e sinais da Libras (Santos, 2017, p. 37).

Com base na análise das diferenças e das semelhanças da Libras com os sinais caseiros utilizados pelos surdos da pesquisa, Santos (2017) relata que os sinais são criados a partir da perspectiva de um surdo assim como a pesquisa de Cerqueira e Teixeira (2016) também nos mostra e nas suas conclusões. Santos ressalta que:

O termo “sinal caseiro” deve ser valorizado como uma língua e não caracterizado apenas como gesto. A pesquisa mostrou que os sinais criados por estes surdos e seus familiares possuem detalhes (parâmetros) idênticos ao encontrados nos sinais convencionais, exceto o parâmetro configuração de mão utilizado por Paulo para sinalizar a lexia BOLACHA, que apresenta uma variante não encontrado nas tabelas de configurações de mãos disponíveis (Santos, 2017, p. 64).

Outro texto que faz referência aos sinais caseiros é o de Araújo e Oliveira (2021) que tem como tema as línguas de sinais emergentes no Brasil: o caso da língua de sinais Macuxi. A pesquisa dos autores é atual em que já tratam os sinais caseiros como língua. Nesse texto, as autoras também separam alguns tópicos sobre as línguas de sinais sendo eles os que fazem referência a línguas de sinais consolidadas que são conhecidas como línguas de sinais nacionais legalmente reconhecidas, e os que fazem referência às línguas de sinais de comunidades surdas que teriam sido formadas de uma nova comunidade surda com pessoas de diferentes históricos linguístico-sociais e, por último, o tópico referente a línguas de sinais de vila/rural/indígena/de aldeia.

O artigo de Araújo e Oliveira (2021), diferentemente dos outros textos, não apresenta os sinais e nem faz algum tipo de comparação entre os sinais analisados e a Libras. O artigo relata traços históricos da língua de sinais Macuxi, apresentando uma proposta metodológica diferente das disponíveis em Cerqueira e Teixeira (2016), em Adriano (2010) e em Santos (2017), tendo em vista que a metodologia usada nesses trabalhos procurou apresentar os sinais caseiros analisados e também comparação entre esses e a Libras. No entanto, apesar dessa diferença metodológica, Araújo; Oliveira (2021) se assemelham a esses trabalhos ao mostrar o debate terminológico em torno da questão:

A forma como linguistas decidem denominar as LSEs (Línguas de sinais emergentes) muitas vezes ignora os endônimos escolhidos pelos próprios usuários das línguas, com algumas exceções como o caso da Cena (Pereira, 2013) e da Acenos (Cerqueira; Teixeira, 2016). É bastante comum escolherem ou a localidade ou a etnia do povo para denominar a língua e isso não é regra geral (Araújo; Oliveira, 2021, p. 233-234).

Na análise dos textos, analisei que a maioria deles possui opiniões muito semelhantes e que uma questão que é abordada em todos é a terminológica, no sentido de como chamar os sinais caseiros. Em, Adriano (2010), a autora explica que os sinais caseiros fazem parte da linguagem, então, dessa forma poder se constituir como uma língua; já Cerqueira e Teixeira (2016) utilizam a sigla LSC – língua de sinais caseiras, estabelecendo assim que os sinais caseiros são uma língua, apresentando artigos de outros autores para corroborar a ideia de que os sinais caseiros são língua; por sua vez, Santos (2017) apresenta argumentações de estudiosos que afirmam que os sinais caseiros não passam de gestos e de outros que afirmam que esses sinais

possuem estrutura de língua. Santos conclui que os sinais caseiros não são apenas gestos, contudo não apresenta uma terminologia específica para o caso; em Araújo e Oliveira (2021), observei que os autores já tratam os sinais como língua, inclusive, usando um nome específico para tal.

Um aspecto que é perceptível nos textos sob análise são as referências aos traços de iconicidade dos sinais caseiros. De acordo com Adriano (2010):

Esses sinais podem ser icônicos ou não, isto vai depender do ambiente em que a família está inserida, isto é, da representação viso-manual de suas experiências. Por exemplo, se forem pescadores, os sinais caseiros que emergem podem ser relacionados aos frutos do mar, areia, barraca e outros; numa família da zona rural, eles podem ser relacionados a boi, vaca, leite e assim por diante (Adriano, 2010, p. 34).

Com isso, entende-se que os sinais caseiros parecem depender dos ambientes em que os indivíduos se encontram. Santos (2017) cita a pesquisa de Adriano (2010) e concorda com sua afirmação sobre a iconicidade e ainda reforça que nem todos os sinais caseiros serão icônicos. No artigo de Araújo e Oliveira (2021), as autoras informam que a iconicidade pode se manter presente no começo, mas ao longo de sua utilização os sinais ficam mais arbitrários.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal fazer uma análise bibliográfica de trabalhos referentes à organização linguística de sinais caseiros produzidos no Brasil. Para tal, fiz a escolha de quatro trabalhos dos autores Cerqueira e Teixeira (2016), Adriano (2010), Santos (2017) e Araújo e Oliveira (2021). Os trabalhos em questão tratam dos sinais caseiros que são utilizados por pessoas surdas em várias regiões do Brasil e cada grupo possui seus próprios sinais e sua própria organização linguística. Constatei, nos trabalhos sob análise, que mesmo esses grupos de pessoas surdas não terem nenhum contato entre si e nem mesmo se conhecerem, apresentam traços fonológicos na produção de sinais que se relacionam, variando de região para região de produção de sinais e dos contextos nos quais os sinalizantes estão inseridos.

Consegui também ao longo da pesquisa analisar alguns conceitos sobre os sinais caseiros que foram citados no capítulo 2.3 e percebesse que a questão do que é o sinal caseiro se encontra bem definida, porém ainda há necessidade de os linguistas entrarem em consenso no tocante à terminologia a ser adotada, tendo em vista que alguns afirmam que os sinais caseiros são língua e outros não. Ao longo da pesquisa-base que deu origem a este trabalho e ao analisar as produções científicas disponíveis, constatei uma grande variedade de sinais caseiros existentes no Brasil, em que inseri nesta monografia em formato de quadro.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, a maior dificuldade que encontrei foi a falta de materiais disponíveis referentes ao tema sob análise, pois a maioria das produções científicas sobre sinais caseiros, tendo em vista a similaridade de abordagem teórico-metodológica utilizada. Nesse sentido, eu espero que este trabalho, assim como os que foram analisados, sejam formas de incentivo à produção de propostas de pesquisa que analisem sinais caseiros, considerando que as comunidades surdas no Brasil são complexas e multifacetadas.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, N. A. **Sinais Caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. 103 f. il. 2010 Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- ALMEIDA, W. G. **Introdução à língua brasileira de sinais**. Ilhéus: UAB/UESC, 2013.
- CERQUEIRA, I. F., TEIXEIRA, E. R. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de cruzeiro do sul/ac. (2016). **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação Amazônia Sul-Ocidental**, p. 26. Acesso em 2022.
- CERQUEIRA, I. F., TEIXEIRA, E. R. Língua de Sinais Caseira ou Simplesmente Gestos?? Dimensionando Gestos e Sinais. In: FIGUEIREDO, C. *et al.* (Org.). **Língua em movimento**: estudos em linguagem e interação. 1ed.Salvador: UFBA, 2020, v. 2, p. 327-345.
- CHOMSKY, N. **Linguística cartesiana**. Vozes, 1972.
- FERREIRA, A. L. et al. (orgs.). **Aprendendo Libras**: módulo 2. Natal: EDUFRN, 2011.
- FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse de langues des signes**: études des langues de signes émergentes (LS ÉMG) pratiqués par de sourds brésiliens. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade de Paris, Paris, 2004. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01701214/document>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDIN-MEADOW, S.; MYLANDER, C. **Spontaneous sign systems created by deaf children in two cultures**. Nature, California, v. 391, p. 279- 281, 1998. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/34646>. Acesso em: 1 ago. 2020
- GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Aquisição da linguagem**. [s. l.]: Ed. Contexto, 2014. ISBN 9788572448734. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=cat07205a&AN=uls.344974&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- OLIVEIRA, R.; MARQUES, R. R. Uso da Variação Linguística na Língua Brasileira de Sinais. **Revista Diálogos**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 85–91, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2765>. Acesso em: 06 jan. 2024.

PILAR ARAÚJO, P. J.; DE OLIVEIRA, A. F. Línguas de Sinais Emergentes no Brasil: O caso da Língua de Sinais Macuxi. **Revista de Letras Norte@mentos**, [S. l.], v. 14, n. 37, 2021. DOI: 10.30681/rln.v14i37.7756. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7756>. Acesso em: 17 fev. 2024.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, L. R. L.; CARVALHO, D. M. Pais ouvintes, filho surdo: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 190–203, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.41493. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/41493>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SANTOS, L. V. **A visologia dos sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa-Bahia: Diferenças e semelhanças entre os sinais caseiros e sinais da libras**. 73 f. il. 2017 Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, 2017.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo. Editora Cultrix. Ed. 28 2008.

SEVERO, R. T. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, 2013.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**. Vol. 5, n. 10, 2019, p. 22111-22117.

TEIXEIRA, E. R.; CERQUEIRA, I. F. Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição de Libras e português escrito como L2. **Anais do VI Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa–ILEEL/UFU**, 2014.

TERVOORT, B. T. Esoteric symbolism in the communication behavior of young deaf children. **American Annals of the Deaf, Washington**, v. 106, n. 5, p. 436-480, 1961. Disponível em: www.jstor.org/stable/44394192. Acesso em: 1 ago. 2020.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.